



Rússia anuncia segunda fase da invasão à Ucrânia. Objetivo é capturar a região do Donbass, no leste, e o sul da ex-república soviética, para criar corredor até a Crimeia, península anexada em 2014. Londres prevê combates até o fim do próximo ano

# O novo plano de Putin

» RODRIGO CRAVEIRO

Enquanto mantinha, ontem, os bombardeios contra o leste da Ucrânia, a Rússia anunciava o plano de capturar o sul da ex-república soviética e o Donbass — região controlada parcialmente pelos separatistas pró-Kremlin. Uma mudança de estratégia que pode arrastar por ainda mais tempo a guerra, que completará dois meses amanhã. “Desde o início da segunda fase da operação especial, um dos objetivos do Exército russo é estabelecer o controle total sobre o Donbass e o sul da Ucrânia”, declarou o general Rustam Minnekayev, subcomandante das forças do distrito militar do centro da Rússia.

De acordo com ele, isso permitiria a abertura de um corredor terrestre até a Península da Crimeia, anexada por Moscou em 2014. A tomada do sul da Ucrânia teria reflexo sobre a Transistria, uma parte da Moldávia ocupada pelos separatistas russos. Minnekayev disse que a área tem registrado “casos de opressão da população de língua russa”. Ao ser questionado pelos jornalistas sobre quais territórios do sul da Ucrânia estariam nos planos de domínio de Putin, o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, recusou-se a fornecer detalhes.

O anúncio do general coincide com uma estimativa feita pelo primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, de que a guerra dure até o fim do próximo ano. “É uma possibilidade realista, sim, claro. (O presidente russo Vladimir) Putin tem um exército enorme. Ele cometeu um erro catastrófico, e a única opção que tem agora é continuar tentando (...) esmagar os ucranianos”, declarou. Londres prevê enviar tanques para a Polónia, a fim de ajudar a Ucrânia.

Por sua vez, o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, se reunirá com Putin, em Moscou, na terça-feira, antes de visitar Kiev, também na próxima semana. Guterres instou a Rússia e a Ucrânia a seguirem quatro dias de trégua humanitária, em respeito à Páscoa Cristã Ortodoxa, a partir de 21 de abril. O pedido foi ignorado. A ONU informou que o Exército russo pode ter cometido “crimes de guerra”. “As Forças Armadas russas bombardearam de maneira indiscriminada áreas residenciais, mataram civis e destruíram hospitais, escolas e outras infraestruturas civis, em ações que poderiam constituir crimes de guerra”, declarou Ravina Shamdasani, porta-voz do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos.

Um dos comandantes do controverso Batalhão de Azov em Kiev, o major Vladyslav Sobolevskiy (**leia Três perguntas para**), 33 anos, desqualificou o plano de Putin. “Não compreendo como eles (russos) poderiam tomar a cidade portuária de Odesa. Não vejo tanto poderio militar da Rússia nem mesmo para capturar Zaporizhzhya. Essa estratégia de Putin é muito mais política e midiática do que sobre a guerra real”, afirmou ao **Correio**.

O militar garante não temer a morte. “Esta é a nossa terra. Meus filhos têm que viver aqui, e meus ancestrais me deram essa terra. Não tenho outro lugar. É por isso que não tenho medo nenhum da guerra”, disse. Sobolevski acredita em uma vitória da Ucrânia. “No mito bíblico de Davi e Golias, sabemos que Davi derrotou um inimigo mais poderoso com suas habilidades. Nós venceremos a Rússia.”

Genya Savilov/AFP



Pedestres diante de prédio residencial destruído em ataque ao vilarejo de Gostomel, perto de Kiev

## Realidade

Para Anton Suslov, especialista da Escola de Análise Política (naUKMA), em Kiev, o corredor ligando o Donbass e a Crimeia é uma realidade. “Ainda que os russos controlem quase todo o território de Kherson, o Exército ucraniano empurrou a linha de fogo do distrito de Kryvyi Rih para toda aquela região e libertou 15 localidades. As batalhas prosseguem no sudoeste de Kherson”, explicou o repórter. Suslov acha pouco provável que Moscou consiga implementar o seu plano de conquistar o sul e o

leste. “Mesmo em Kherson e em Zaporizhzhya, onde o Exército russo assegura ter domínio, ele não pode se impor em todo o território por questões logísticas e militares, além da resistência civil dos ucranianos. O cumprimento dos objetivos expostos pelo general Minnekayev será algo difícil.”

Olexiy Haran, professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla, admitiu que não era novidade a estratégia da Rússia de estabelecer um corredor entre a Crimeia e o Donbass. “Basicamente, há um plano oficial do Kremlin para tomar os territórios

da Transistria e do leste da Ucrânia, não apenas no âmbito militar, mas também no político. O presidente do Duma (Parlamento russo), Vyacheslav Volodin, afirmou hoje (ontem) que Moscou está retomando os seus territórios. Mas, penso que a captura dessas duas regiões não será algo possível”, disse ao **Correio**. Pela primeira vez, a Rússia reconheceu, ontem, baixas militares no naufrágio do cruzador russo “Moskva”, símbolo da frota do Mar Negro, em 14 de abril. “Um soldado morreu e 27 tripulantes foram declarados desaparecidos”, enquanto outros 396 foram resgatados, informou o Ministério da Defesa russo.

## Três perguntas para

**MAJOR VLADYSLAV SOBOLEVSKIY**, 33 anos, um dos comandantes do Batalhão de Azov em Kiev



Arquivo pessoal

**Como vê o anúncio de Putin sobre a tomada de Mariupol?**

Trata-se de um erro horrível. Mariupol não foi tomada pelos russos. Temos soldados dentro da siderúrgica Azovstal. Nossos homens lá têm condições de combater talvez por duas ou três semanas. Nós podemos, inclusive, organizar ajuda para nossos soldados.

**As forças russas encontrarão forte resistência no Donbass?**

Creio que veremos grandes combates no Donbass, entre um e três meses. Serão os maiores desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Não prevejo o que acontecerá, mas o que sei é que todos os ucranianos lutarão por cada metro de nossa terra. Estamos prontos para contra-atacar Putin e as forças russas no Donbass. Mantemos boas posições e temos muito poder. É o que precisamos.

**Putin acusa o Batalhão de Azov de ser neonazista. O que tem a dizer sobre isso?**

Não somos neonazistas. Somos apenas patriotas comuns em nossa terra. Tudo o que vocês escutam sobre nossas posições políticas é uma operação psicológica da Federação Russa. Se você disser que o Azov é neonazista, então, todos os ucranianos são neonazistas. Temos apenas um país nazista na Europa: a Rússia. (RC)

## Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

# Na guerra, também "é a economia"

O desenrolar do conflito da Ucrânia, nas últimas semanas, sinaliza que, passados dois meses da invasão russa, a perspectiva é de muitos meses mais de crise. O primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, fala em guerra até o fim de 2023. E, em Washington, o presidente Joe Biden manobra com as atenções divididas entre os objetivos de política externa e as urgências domésticas.

Em novembro, os cidadãos americanos renovarão a Câmara dos Deputados e parte do Senado. Eleições legislativas de meio de mandato, nos EUA, são o principal termômetro para um presidente que tem no horizonte a reeleição — é o caso de Biden, ao menos até aqui. Mais que isso, o resultado das urnas pode se transformar em profecia autorrealizável: a perda de maioria, além do sentido político mais geral, costuma afetar a capacidade de manobra do governo pelos dois anos seguintes.

Na corrida para novembro, o sólido apoio da opinião pública à linha dura adotada por Biden contra Vladimir Putin, na reação inicial à crise, tende a perder terreno para preocupações mais concretas e cotidianas, como o preço da gasolina.

A máxima foi cravada na campanha presidencial de 1992 pela equipe do desafiante democrata, Bill Clinton, azarão completo contra o republicano George Bush pai, que planava nas alturas de 80% de aprovação pela Guerra do Golfo, vencida no ano anterior. Ironizando a autoconfiança do presidente com seu perfil de líder mundial, um assessor democrata cravou: “É a economia, estúpido”. Bush não teve o segundo mandato.

## O pirão de cada um

Desde que Putin ordenou que suas tropas invadissem a

vizinha ex-república soviética, as pesquisas atestam que os americanos dão atenção ao noticiário sobre a guerra. O apoio à Ucrânia e seu presidente, Volodymyr Zelensky, emparelha com a rejeição ao primeiro lugar para a Rússia. Mas a guerra perde cada vez mais terreno para a economia, no universo de preocupações dos entrevistados.

A Universidade de Maryland apurou que um terço dos cidadãos considera a inflação um preço alto demais a pagar pela ajuda a Zelensky. A Universidade Quinnipiac confirmou a tendência: para 30%, a alta dos preços, em especial dos combustíveis, é de longe a prioridade para o país. A guerra vem em primeiro lugar para 14%.

Traduzindo para o português sem rodeios, na hora de votar, os americanos referendam a ideia de que, “se a farinha é pouca, meu pirão primeiro”.

## Não rasga voto

Se Biden enxerga as urnas em horizonte a cada semana um pouco mais próximo, o chefe de governo da locomotiva

econômica europeia elas se afastam no retrovisor. Nem por isso, no entanto, chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, pode respirar propriamente aliviado. Passados sete meses da vitória apertada do Partido Social Democrata (SPD) e menos de cinco desde a formação do gabinete, Scholz amarga seu índice mais baixo de popularidade. Praticamente metade dos alemães reprovam seu desempenho.

Nos dias que se seguiram à invasão russa, no fim de fevereiro, o chanceler fez um discurso excepcionalmente forte no Bundestag (parlamento). Anunciou, com pompa e circunstância, a quebra de um tabu do pós-Segunda Guerra, pelo qual a Alemanha não enviava armas para áreas de conflito. No âmbito da União Europeia, puxou o coro das sanções contra o Kremlin, inclusive no crítico terreno energético — a despeito da dependência do país em relação ao gás importado da Rússia.

Com o noticiário da guerra incorporado à rotina, Scholz começa a manobrar de modo a mitigar os efeitos colaterais sobre a

economia doméstica. A suspensão das compras de gás russo é um exemplo: não entrará em vigor antes do fim do ano, para não expor o país ao risco de desabastecimento — e disparada dos preços — em pleno inverno europeu, que se prolonga até o fim de março. Sobre as armas prometidas, a notícia é que, no momento, a capacidade alemã para repassá-las à Ucrânia chegou ao limite.

## Governabilidade

Uma eleição que se decide amanhã não seria, normalmente, assunto preferencial para este espaço semanal. Mas o segundo turno da disputa presidencial francesa vale para observar que, também no Palácio do Eliseu, o confronto entre Moscou e Kiev tende a ceder espaço para interesses mais imediatos, seja qual for o titular pelos próximos cinco anos.

As últimas pesquisas sugerem que o centrista Emmanuel Macron caminha para sacramentar o segundo mandato, com nova vitória sobre Marine Le Pen, da ultradireita. Mas parece

improvável que o presidente dedique aos esforços diplomáticos o mesmo empenho demonstrado no primeiro mês na busca de uma solução para a guerra.

Macron, Le Pen e o candidato da esquerda radical, Jean-Luc Mélenchon, que ficou a poucos votos de chegar ao segundo turno, olham desde já para meados de junho, quando o país terá eleições legislativas. O calendário político francês prevê a renovação da Assembleia Nacional em seguida à escolha direta do chefe de Estado, justamente para que este tenha a oportunidade de convencer os eleitores a lhe darem maioria para governar.

O voto 100% distrital, naturalmente, coloca no centro da campanha questões domésticas e mesmo regionais ou locais. As políticas de alianças sofrem inflexões segundo os interesses de cada partido e cada campo político mais geral.

Para um Macron reeleito, e mais ainda para uma Marine Le Pen que eventualmente surpreenda na reta de chegada, um fator se acrescenta ao clássico lema tripartite da República francesa: liberdade, igualdade, fraternidade... e governabilidade.